



A reinauguração da existência

Circo, de Alckmar Santos

Thaís Velloso*

No romance *Circo*, Alckmar Santos (2014) volta a tratar de um tema abordado, evidentemente de forma distinta, em seu livro de poemas *Circenses*. A imagem do circo como espaço de mutabilidade e metamorfose, de armação desmontável e passível de reinvenção a cada deslocamento geográfico, mostra-se uma tradução bastante fecunda da própria vida. A ambientação em um universo móvel que se desdobra nas muitas cidades em que se instala é oportunidade, além disso, de trabalhar a ideia de um mesmo ser conseguir descobrir-se ou desdobrar-se em outro, à medida que mudanças e transformações ocorrem.

A história se desenvolve em primeira pessoa, mas a partir de perspectivas diferentes, com três protagonistas a revelarem suas impressões. O primeiro narrador é um ex-militante político que, torturado pela ditadura, juntou-se ao circo para ir embora da cidade. O segundo volta à cidade depois de bastante tempo, porém para uma vida totalmente diferente da que levava anteriormente. O último é autor de um diário em que relata a permanência na cidade, além de experiências emblemáticas.

* Mestranda em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

O primeiro conta do passado ao presente, enquanto o segundo recua no tempo. Esse movimento em mão dupla permite projetar a revelação proporcionada pelo terceiro narrador, que acaba surpreendendo. Envolvido por uma linguagem leve e com boas pitadas de lirismo, o leitor é agraciado com uma fusão de elementos narrativos que convergem para a clareza do todo.

As vozes dos dois primeiros narradores se dispõem numa espécie de correspondência. Os “fins” de Adilson (fim de relacionamento, de contato com a filha, de morada em outra cidade) encontram paralelo nos “fins” de Tito (fim do contato com Ana Maria, com amigos de onde vivia e com sua cidade). A alternância entre os discursos de ambos se deixa perceber em vários momentos, como, por exemplo, na passagem em que a fala de um termina com a lembrança do falecimento da mãe e a do outro começa, como por acaso, com divagações sobre um livro sobre a morte. Tal recurso reforça a coesão de uma conversa que, na verdade, se desenrola numa mesa de bar, portanto caracterizada pelos constantes desvios de assunto, a levarem o narrador a assumir que perde “a meada” (p. 6). Assim se explica que um tema puxe outro, na interação progressiva dos interlocutores.

A informalidade do cenário legitima a simplicidade da linguagem, ao mesmo tempo que estimula o aproveitamento artístico da palavra, verbalizado pelo próprio narrador ao assumir: “dou agora p’ra poetar” (p. 22). A harmonização entre conteúdo e expressão é levada às minúcias, como se percebe no seguinte trecho: “Ficava, então, imaginando, repetidas vezes, a sequência de fatos que, inexoravelmente, levava a um passeio juntos, a um aperto de mãos, a abraço, ao primeiro beijo...” (p. 137). Vemos que os vocábulos acompanham a aproximação física dos personagens por meio de uma gradação na preposição, que primeiramente se junta ao artigo inde-

finido (indefinição que denota certo afastamento), posteriormente o elimina (transição entre afastamento e aproximação) e, finalmente, aglutina-se ao definido (maior aproximação).

Ao enfoque da visão que os personagens têm de si mesmos e dos demais se soma um movimento de ampliação de visada mediante o qual se estabelece uma comparação entre o passado e o presente do Brasil. Nesse sentido, a escolha do período de 1964 em diante se mostra muito apropriada, pois viabiliza a reflexão acerca da discrepância entre a utopia e a realidade no país.

A perspectivação histórica inclui, por exemplo, a afirmação do ex-militante torturado durante a ditadura de que os integrantes politicamente conservadores da Igreja Católica louvavam “a militância, que, segundo dizer deles padres, todos praticamente, pelo menos ali por Belo Horizonte, tinham salvado o país e nós todos da garra da maldade mais soberana e traçioneira” (p. 70). É de se acrescentar apenas que em nenhum momento o romance resvala para o panfleto e, do início ao fim, mantém seu estatuto de ficção literária.

Considerando a possibilidade de o homem lograr algum conhecimento de si por meio da encenação do inacessível, conforme defende Wolfgang Iser em *O fictício e o imaginário*, a narrativa coloca em primeiro plano conflitos internos universais, às vezes para apresentar a subjetividade como instância capaz de permitir a compatibilização de percepções antagônicas. É o que ocorre, por exemplo, à recordação de um episódio da infância:

Hoje, eu lembrava há pouco, assim mesmo, desse jeito: sempre quando trago à mente o que lá se passou, tenho ainda, muito presente, forte, a mistura, a conciliação de duas sensações opostas. A primeira é a de como o acaso se põe, por vezes, traçioneiro,

espreitando, parece, qualquer vacilação inconsciente nossa, para pespegar seus golpes de surpresa [...].

A segunda sensação, oposta a essa primeira, foi a de euforia, de luta que faz valer a pena do esforço (pp. 114-6).

A aproximação entre passado e presente é, juntamente com o movimento de harmonização subjetiva de contrários, parte da homenagem que Alckmar Santos faz a Machado de Assis, que tem *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro* citados. Como sabemos, Brás Cubas era especialmente dado a admitir a coexistência de ideias em conflito, em prova de que o homem é dual e congrega em si o bem e o mal, a vida e a morte, a emoção e a razão. Já Bento Santiago tentou um resgate que, se possibilitou focalizar tempos idos, comprovou que seu eu já não era o mesmo. A igual constatação chega um dos narradores de *Circo*:

Agora mesmo, enquanto deambulo, ao léu, voltando, sem voltar, para casa, passo por ruas, becos, largos, esquinas, lugares, todos, em que já estive inúmeras vezes, com várias idades. Mas há um desvão, uma diferença, palpável, entre aquele que, por aqui, passeava, com relação a este, de agora, que, aqui, está passando (p. 153).

O romance do autor paulista plenifica ficcionalmente a ideia, apontada na epígrafe de Confúcio, de que temos duas vidas e a segunda começa quando percebemos que dispomos de apenas uma. A reinauguração da existência, fenômeno decorrente da transformação que o narrador-personagem Adílson admite sofrer ao distanciar-se de si mesmo e refletir sobre suas experiências, confirma tal pensamento.

Se determinada coisa ou pessoa “pode aparecer de repente e pôr sentido distinto no que até então se via e se pensava” (p. 240), a busca de entender a vida pode ser vã, mas também marcada pelo encantamento. É assim que *Circo* atesta a capacidade da ficção de atribuir ao homem um significado que a realidade não lhe faculta, ao mesmo tempo que situa a escrita de Alckmar Santos entre as mais argutas, sutis e trabalhadas de nossa contemporaneidade literária.